

Varejo da política ainda alimenta o coronelismo

Gabinetes de deputados e senadores servem de guichê para eleitor pedir favores diversos

JOÃO DOMINGOS

BRASÍLIA — Uma espécie de coronelismo de varejo ainda é exercida em boa parte dos gabinetes de deputados e senadores, tanto em Brasília quanto nos Estados de origem de cada parlamentar. São atendidas solicitações de todos os tipos, principalmente de passagens rodoviárias e aéreas, dinheiro para a compra de comida e vagas em hospitais de regiões com maiores recursos de atendimento, principalmente no Sarah Kubitschek, em Brasília, o principal centro de recuperação ortopédica da América Latina.

O senador Ney Suassuna (PMDB-PB) contou que recebe por dia de seis a sete pedidos de eleitores para a ajuda na compra de passagens da capital do País à Paraíba. "Às vezes fico com o coração cor-

tado, porque são pessoas que não têm a mínima condição para comprar a passagem", afirmou ele. Segundo Suassuna, em muitos casos dá também o dinheiro para que a pessoa — ou a família inteira — possa se alimentar nas mais de 40 horas de viagem de ônibus à Paraíba. "Se não der uma pequena verba para a alimentação eles vão passar fome mesmo."

Os pedidos vão além das passagens rodoviárias. Suassuna costuma ser abordado também por aqueles que desejam passagens aéreas. Há 15 dias ele foi procurado pelos 21 integrantes da bandinha "Acauã da Serra", de Campina Grande, que queriam 21 passagens de ida e volta de João Pessoa a Paris. "Não tive como atender o pedido", contou o senador. Suassuna é rico, proprietário da rede de escolas Anglo-Americana, em mais de dez países, e tam-

bém de uma mina de mármore e granito no Ceará. Ele tem condição de atender a muitos pedidos. E o faz.

Os políticos pobres, também procurados com insistência, passam por situações difíceis. É o caso do senador

João França (PP-RR), mestre de obras da construção civil que acabou herdando o mandato de Hélio Campos, morto dois meses após assumir o cargo, em 1991. "Não aguento mais", confessou ele. "Quero é voltar para casa."

França disse que tem problemas com os eleitores, porque em seu caso, o pedido é sempre de passagens aéreas. "Quem é que vai daqui para Roraima de ônibus?", ponderou. A passagem de ida e volta Brasília—Boa Vista custa cerca de R\$ 800. O senador recebe R\$ 5,46 mil líquidos. Se der duas passagens por mês, perde quase um terço do salário.

Depois das passagens aéreas, o pedido mais frequente é para internações no Hospital Sarah Kubitschek. Mesmo parlamentares que se recusam a dar dinheiro para a compra de passagem, como Luiz Carlos Hauly (PSDB-PR), não conseguem se livrar do Sarah. "Sou procurado para conseguir uma vaga no hospital, em Brasília, pelo menos duas vezes por mês", revelou.

O deputado Albérico Filho (PFL-MG) é outro que sempre é procurado por eleitores com pedidos de passagens e de internação em hospitais. "Quando a passagem é do Maranhão para o Maranhão, quaisquer R\$ 10 resolvem; mas quando é de Brasília para o Estado, aí se vão mais de R\$ 50", ressaltou Albérico Filho, que é sobrinho do presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP). "Se não tivermos cuidado, o dinheiro do salário vai embora."

**VAGA EM
HOSPITAL É UMA
DAS PRINCIPAIS
SOLICITAÇÕES**